

“EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CONSERVADORISMOS: O ‘MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO’ ENQUANTO EXPRESSÃO DO ‘ZEITGEIST’ OU ‘ESPÍRITO DA ÉPOCA’”.

BRASIL XAVIER, Mário Jorge ¹

1. Universidade do Estado do Pará (UEPA), PPGE/PUC-Rio, <mariobrasil@uepa.br>

Palavras-chave: educação; conservadorismo; ‘zeitgeist’;

O avanço do conservadorismo ou uma chamada “onda conservadora” não é um fenômeno absolutamente novo em si, contudo, o estudo deste ainda possui longo espaço para o desenvolvimento e preenchimento de lacunas analíticas. Nos questionamentos: O que é de fato o conservadorismo enquanto movimento de ideias? Como o pensamento social trata da questão do conservadorismo? Como é possível exemplificar o “Movimento Escola sem Partido” enquanto uma expressão de “espírito de época”? Como a “educação democrática” se apresenta frente a este cenário conservador, com abordagens das questões controversas? Buscamos em autores como Karl Mannheim e Michel Lowy, análises onde estes tratam sobre o assunto, buscando mostrar como os mesmos podem ajudar nas reflexões sobre o tema. Fornecem ferramentas de análises para melhor compreender a problemática de como o chamado “Movimento Escola sem Partido” se configura no espectro deste conservadorismo enquanto um chamado “*Zeitgeist*” ou “espírito de época”. Em Mannheim (1986), o entendimento do que tentamos exemplificar enquanto um “espírito de época” no qual o conservadorismo esteja muito mais afeito a posicionamentos presentes em vários grupos sociais, vigilante a quaisquer mudanças em determinadas instituições ou esferas públicas. Na leitura de Lowy (2015), retomando no pensamento social crítico uma compreensão do fenômeno do conservadorismo contemporâneo. Sua abordagem em torno do conservadorismo pode ser pautada na perspectiva que entende ser este um fenômeno inserido na dinâmica capitalista, por dentro do mesmo, desde sua origem histórica até os contextos atuais de desenvolvimento das forças produtivas e do fenômeno da globalização. Teixeira & Henriques (2022, p.4), afirmam que “o neoliberalismo e o conservadorismo convergem” quando se opõem às políticas de equidades entre cidadãos. No momento atual, é possível supor que o sentimento de ódio, fobia e vingança que têm permeado as relações interpessoais, apontam um cenário crítico ao contexto educacional brasileiro com as influências militares na educação. O Movimento Escola Sem Partido, criado pelo advogado Miguel Nagib em 2004, expressão de uma síntese de sentimentos de recusa às polêmicas que as práticas educacionais podem promover em sala de aula. Professores e professoras, pela ótica do EsP não devem emitir opiniões que possam ferir ou ir de encontro aos valores já consagrados por determinado setor da sociedade. A diversidade existente nas escolas as tornam locais particularmente propícios para as discussões



de questões controversas, posicionamento pelo qual o EsP é veementemente contrário. Penna (2018) já aborda a temática enfatizando o quanto é necessária uma postura democrática para o enfrentamento aos autoritarismos do EsP. O discurso conservador e reacionário de defesa de uma “escola sem partido” desloca a identidade daqueles professores que se percebem como educadores porque nega a dimensão educacional do processo de escolarização. Os professores passam a ser ameaçados e intimados por seu agir cotidianamente na escola de acordo com seus saberes profissionais. Esse descolamento pode desmobilizar os professores e agravar um quadro já intenso de problemas de saúde na categoria profissional, mas também tem o potencial de construir uma nova identidade docente combativa e envolvida visceralmente com a defesa de uma educação democrática.

Agradecimentos: UEPA, PUC-Rio.

